



A Política Externa de Gana para a África: do Pan-Africanismo ao Regionalismo

Pedro Felipe da Silva Alt

Pesquisa: Formação e Desenvolvimento do Sistema Interafricano de Relações Internacionais (1957-2015). Orientador: Paulo Visentini



INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

O projeto de pesquisa é desenvolvido por bolsistas do Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT) com a orientação do Prof. Dr. Paulo Visentini. O projeto objetiva estabelecer, a partir de inicial análise das linhas gerais de política externa de cada um dos países, os principais eixos de relações interestatais dentro do continente africano. A partir do posicionamento de cada país africano em relação a outros países, será elaborada uma rede de relações interafricanas que serão relacionadas aos processos de integração na África e ao próprio Sistema Internacional. Ao pesquisador, cabe o estudo de países pertencentes à África Ocidental, região que engloba a República de Gana, objeto deste trabalho.



Localização de Gana.

A pesquisa lança mão de livros e artigos acadêmicos que abordem a história de cada um dos países, bem como de obras que analisem o posicionamento da política externa de Estados africanos, além de sítios especializados. Ademais, fontes primárias são utilizadas para obtenção de dados e discursos relativos aos países. Especificamente, o trabalho a ser apresentado no salão, componente da política externa ganesa, faz um recorte temático das posições adotadas por Gana em relação à integração continental e regional. O objetivo do trabalho, portanto, é identificar as linhas gerais da política externa ganesa para a África; a hipótese central, por sua vez, é a de que o país centrou maiores esforços ao longo do tempo para questões pertinentes à África Ocidental.

RESULTADOS

Antes mesmo da independência do país, ocorrida em 1957, ganeses eram ativos participantes de congressos e seminários em busca de maior autonomia política e união entre povos africanos. Nesse período, uma importante liderança política emergiu: Kwame Nkrumah. O ganês, enquanto Primeiro-Ministro do autogoverno colonial (1952-57), Primeiro-Ministro (1957-60) e Presidente de Gana (1960-1966), passou a organizar reuniões com outras agremiações políticas em prol da libertação de outras colônias e da integração continental. Assim, Gana angariava forte reputação na luta por maior autonomia política no continente africano.

Os esforços ganeses foram centrais para a luta pela integração continental. Nkrumah organizaria em Gana, por exemplo, a *All-African People's Conference* (1958), a *All-African Trade Union Federation* (1959) e a *Positive Action and Security in Africa* (1960). Gana também seria um dos países líderes do Bloco de Casablanca, que defendia maior integração continental, ao lado de, por exemplo, Guiné e Egito.

Apesar de fundamentais para a criação da Organização da Unidade Africana em 1963, os ideais do Grupo de Casablanca acabaram ficando à sombra dos defendidos pelo Grupo de Monrovia, dificultando a integração continental. Na África Ocidental, as ações de Gana – que incluíram uma união federalista com Mali e Guiné – também motivaram a desconfiança de países vizinhos moderados e do bloco capitalista, que apoiaram o golpe de Estado de 1966., o qual tirou Nkrumah do poder.

Apesar da queda de Nkrumah e das posteriores mudanças de governo, Gana manteve sua política externa para a África praticamente intacta. No entanto, duas matrizes da política ganesa passaram a ser identificadas com maior facilidade: o *nkrumismo* e o *busianismo*, em homenagem a Kofi Busia, presidente entre 1969 e 1972 e defensor de uma menor presença estatal. A depender da matriz no poder, pode-se esperar maior ou menor participação de Gana em questões internacionais, mas não um rompimento nas diretrizes de política externa: apoio ao pan-africanismo (OAU e UA), foco em questões Norte-Sul, autodeterminação dos povos, dentre outros.

A partir de 1975, sendo um dos Estados fundadores da criação da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), Gana direcionou maiores esforços para a integração regional. Esse processo se intensificou durante a década de 1980, com a ascensão de Jerry Rawlings (1979; 1981-2000) e maiores dificuldades econômicas do país, que via em relações com países vizinhos um importante fator para a recuperação. Os anos 1990 marcaram o apoio à utilização da CEDEAO como estabilizadora de crises em países da região, questão simbolizada pela criação da ECOMOG. Os anos 2000, ademais do suporte à criação da União Africana, normalizou relações com países vizinhos, como no caso do Togo, e a participação em missões durante crises internas de outros Estados da região.

O trabalho apresenta algumas conclusões parciais, como a ideia de que Gana apresentava, antes mesmo de sua independência, importante participação em movimentos por maior autonomia política e maior integração para o continente africano. Segunda conclusão parcial é concernente ao legado diplomático deixado pela primeira década de independência ganesa, que estabeleceu diretrizes para a política externa do país para a África ao longo de sua história. Terceira e última conclusão parcial aponta para a maior concentração de esforços diplomáticos na consolidação dos processos de integração regional da África Ocidental a partir da década de 1970, mas que não afetam o apoio à continuidade dos processos de integração continental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADDO, P. N. N. Ghana's foreign policy and transnational security challenges in West Africa. *Journal of Contemporary African Studies*, v. 27, n. 2, April 2008, p. 197-211.
- ASAMOAH, O. Y. *The Political History of Ghana (1950-2013): The Experience of a Non-Conformist*. Bloomington, IL: AuthorHouse, 2014.
- AUSTIN, D.; LUCKHAM, R. (Eds.). *Politicians and Soldiers in Ghana*. New York, NY: Routledge, 1975.
- BLUWEY, K. Foreign policy and decision-making process in Ghana: Issues, ground rules and actors. In: *Ghana's foreign policy options*. Anais de conferência organizada pelo Legon Centre for International Affairs (LECIA), University of Ghana, Legon, 18-19 de outubro de 2001, p. 43-54.
- CHAZAN, N. et al. *Politics and Society in Contemporary Africa*. Boulder, CO: Lynne
- ELISCHER, S. *Political Parties in Africa: Ethnicity and Party Formation*. New York, NY: Cambridge University Press, 2013.
- GEBE, B. Y. Ghana's Foreign Policy at Independence and Implications for the 1966 Coup d'État. *Journal of Pan-African Studies*, v. 2, n. 3, March 2008, p. 160-186.
- GOCKING, R. S. *The History of Ghana*. London: Greenwood Press, 2005.
- NKRUMAH, K. *Africa Must Unite*. London: Heinemann Educational Books, 1964.
- SCHIMDT, E. *Foreign Intervention in Africa: From the Cold War to the War on Terror*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- THOMPSON, S. W. *Ghana's Foreign Policy, 1957-1966: Diplomacy, Ideology and the New State*. New York, NY: Princeton, 1969.
- UNITED NATIONS. General Assembly - Fifteenth Session. 869th Plenary Meeting. 1960, p. 61-68.
- WALLERSTEIN, I. *Africa: The Politics of Unity and Independence*. Lincoln, NB: University of Nebraska Press, 2005.
- WRIGHT, S. (Ed.). *African Foreign Policies*. Boulder, CO: Westview Press, 1998.